

## ROBERTO REIS (1949-1994)

POR

BOBBY J. CHAMBERLAIN  
*University of Pittsburgh*

Cumpro o doloroso dever de comunicar o falecimento de Roberto Reis, professor de Português na Universidade de Minnesota, e atual membro do Comitê Executivo da *Revista Iberoamericana*. Casado, e pai de dois filhos pré-adolescentes, Roberto contava apenas 45 anos.

Nascido no Rio de Janeiro a 22 de março de 1949, Roberto Reis formou-se em Língua Portuguesa e Letras Luso-Brasileiras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1971. Fez estudos de pós-graduação na Arizona State University (M.A., 1976), doutorando-se na Pontifícia Universidade Católica em 1983 com uma tese orientada por Silvano Santiago.

Autor de numerosos livros e ensaios críticos, Roberto não só publicou notáveis obras de crítica e teoria literária — *A Permanência do Círculo: Hierarquia no Romance Brasileiro* (1987) e *The Pearl Necklace: Toward an Archaeology of Brazilian Transition Discourse* (Alfred Hower Prize; 1992) entre elas — como se esforçou por promover estudos brasileiros nos EUA e em outros países, tendo organizado importantes congressos de “lusobrasilianistas”, um dos quais deu lugar à coletânea intitulada *Toward Socio-Criticism: Luso-Brazilian Literatures* (1991). Foi sócio-fundador da Midwestern Association of Brazilian Studies (MABS) e também da Brazilian Studies Association (BRASA), da qual era vice-presidente e presidente eleito.

Quando eu conheci Roberto no Rio em 1973, ele era tido como uma espécie de *Wunderkind*, tendo já se estabelecido em rodas literárias, aos 23 anos, com um volume de contos, *A Dor da Bruxa* (1972), livro esse que ganhou o Prêmio Adelino Magalhães no ano seguinte. Participou, em 1975, do International Writing Program, da University of Iowa, e organizou com David William Foster, quando da sua permanência em Arizona, *A Dictionary of Contemporary Brazilian Authors* (1981). O seu romance *A Hora da Teia: Réquiem* apareceu em 1982, depois de ter recebido menção honrosa no Prêmio Remington de Prosa e Poesia (1977) e de ter ganho o Prêmio Fernando Chinaglia (1981). Reflete-se nitidamente nele o interesse do romancista pelo próprio ato da semiose, assim como o seu amor pela música erudita.

Nos primeiros anos da década de 80, Roberto lecionou Literatura Brasileira e Teoria Literária na Universidade Gama Filho, no Rio, e passou uma temporada nos EUA como *Visiting Professor*

uma das cartas recomendando-o para o posto de *Assistant Professor* na Universidade de Minnesota e outra, em 1988, apoiando a sua candidatura para a vitaliciedade. Ele e Antônia hospedaram-se uma vez na minha casa, quando o convidei para fazer uma palestra na University of Southern California, onde eu trabalhava naquela época. Também ele era um dos *contributing editors* na revista *Chasqui*, da qual participo há muito tempo.

Mas, apesar de ter conhecido Roberto Reis durante mais de 20 anos, ironicamente só cheguei a conhecê-lo um pouco mais intimamente nos últimos dois ou três, sobretudo desde uma conferência que ele pronunciou na Pitt, a convite do Departamento de Línguas e Literaturas Hispânicas, em abril do ano passado. Gabava os filhos; era o tipo do pai “coruja”. Ele acabava de ministrar um curso universitário em Santa Catarina e estava cheio de compromissos profissionais nos EUA e em vários países do hemisfério e da Europa. Ele e Antônia acabavam de vender a casa no Rio.

Roberto era um homem que, freqüentemente, se apressava em defender o que lhe parecia justo, especialmente no que diz respeito aos interesses dos estudos luso-brasileiros nos EUA. Vivia corrigindo o uso indevido do termo “latino-americano” pelos que se referiam exclusivamente aos países americanos de língua espanhola. Lembro-me também de uma vez, aqui em Pittsburgh, quando ele andava de bonde comigo e minha família, que ficou tão aborrecido com dois fumantes que descumpriam a conhecida proibição anti-tabagista que fez questão de chamar a atenção de ambos para a inconveniência da sua infração.

Musicófilo inveterado, Roberto também fez questão absoluta de assistir um concerto da Sinfônica de Pittsburgh quando estava aqui em abril. No dia seguinte, nós o levamos para ver os pontos turísticos da cidade. Meus filhos hão de recordar-se para sempre do que ocorreu essa tarde na estação do metrô. Ao descobrir que os passageiros que esperavam a chegada de seus vagões eram brindados com música sinfônica gravada, de repente Roberto se pôs a gesticular animadamente como se estivesse a reger uma orquestra ele próprio.

Pelo que entendo, era outra paixão sua —o futebol— da qual participava como jogador quando sofreu um acidente mortal poucos dias antes do Natal. Ele aguardava ansiosamente o segundo congresso da BRASA, para o qual ia servir de anfitrião em Minneapolis, em maio deste ano, assim prosseguindo na sua campanha de promoção dos estudos brasileiros pelo mundo afora. Vou lembrar-me dele não só como o colega, amigo, professor e prolífero estudioso que era, como também, na minha imaginação, como um maestro extraordinário, regente da nossa orquestra de *scholars*, com a batuta sempre em riste. Adeus, Roberto.

Pittsburgh, janeiro de 1995